

Usina de Belo Monte perde força

'Itaipu amazônica' está praticamente descartada pelo governo, que prefere complexo no Rio Madeira

RICARDO REGO MONTEIRO
REPORTER DO JB

Pelo menos uma boa parcela do governo já praticamente descartou o projeto da usina hidrelétrica de Belo Monte, que nunca saiu do papel embora já tivesse até ganhado o apelido de "Itaipu amazônica". Com a idealização de um projeto para um complexo de usinas no Rio de Madeira (RO), inicialmente previsto para 7 mil megawatts de potência, mas com possibilidade de tornar-se um mega-em-

preendimento binacional de 13 mil MW, setores da Eletrobrás já perceberam a incompatibilidade ambiental dos dois empreendimentos.

O presidente da Eletrobrás, Luiz Pinguelli Rosa, é um dos que defendem, no governo, a opção pelo complexo do Rio Madeira, que prevê inicialmente a construção das usinas de Girau e Santo Antonio. Segundo suas próprias palavras, "o empreendimento tem a cara do Eliezer Batista", o ex-ministro e ex-presidente da Vale do

Rio Doce que é conhecido pela especialização em projetos de desenvolvimento estratégico.

A decisão entre um e outro projeto sairá de uma discussão democrática, segundo o próprio Pinguelli, por meio de um seminário que será promovido, nos próximos meses, em Brasília. Do evento, que contará não só com representantes do Ministério de Minas e Energia, como também da Eletrobrás, serão colhidas contribuições da iniciativa privada e da sociedade civil - como órgãos ambien-

tais e de defesa dos atingidos pelas barragens.

Os dois projetos, segundo Pinguelli informou a interlocutores, teriam impacto ambiental para a Região Norte do Brasil. A diferença entre eles diz respeito não só ao benefício para o sistema interligado, como também para a economia do país como um todo. O projeto do Rio Madeira traria benefícios econômicos e, principalmente, estratégicos para o Brasil. Além de um complexo de usinas, o empreendimento pre-

vê a navegabilidade do Rio Madeira em um trecho hoje inviável, próximo ao Peru.

O projeto também prevê a abertura de um acesso à Bolívia para o Oceano Atlântico. Na prática, cresce entre os defensores do complexo do Rio Madeira a percepção de que ele representaria um grande trunfo na disputa com o governo boliviano pela redução do preço do gás natural importado daquele país.

rmonteiro@jb.com.br

Class.	56
Data	4/14/2003
Fonte	STP (Econom. & Negócios)
Pg	1/1
Documentação	